

A INDIFERENÇA EM POLÍTICA

Antero de Quental

É hoje quase um lugar comum afirmar que perceber o presente e perspetivar o futuro exige melhor conhecimento histórico. Também isso é verdade quando refletimos sobre questões sociais ou sobre a própria Ciência Política.

Por essa razão a revista República resolveu inserir em todos os números um capítulo especial sobre afirmações, documentos ou debates de elevada relevância histórica.

Difícilmente poderíamos escolher melhor para o primeiro número da revista do que a citação que dá corpo a esta rúbrica memórias com futuro. Um texto de Antero de Quental, novo de cerca de dois séculos, acerca do risco da indiferença em política. Não é excessivo afirmar que se era de enorme relevância à altura da sua escrita, é ainda hoje provavelmente de maior valor para o nosso presente e para o nosso futuro.

Um dos piores sintomas de desorganização social, que num povo livre se pode manifestar, é a indiferença da parte dos governados para o que diz respeito aos homens e às cousas do governo, porque, num povo livre, esses homens e essas cousas são os símbolos da actividade, das energias, da vida social, são os depositários da vontade e da soberania nacional.

Que um povo de escravos folgue indiferente ou durma o sono solto enquanto em cima se forjam as algemas servis, enquanto sobre o seu mesmo peito, como em bigorna insensível se bate a espada que lho há-de trespassar, é triste, mas compreende-se porque esse sono é o da abjecção e da ignomínia.

Mas quando é livre esse povo, quando a paz lhe é ainda convalescença para as feridas ganhadas em defesa dessa liberdade, quando começa a ter consciência de si e da sua soberania... que então, como tomado de vertigem, desvie os olhos do norte que tanto lhe custara a avistar e deixe correr indiferente a sabor do vento e da onda o navio que tanto risco lhe dera a lançar do porto; para esse povo é como de morte este sintoma, porque é o olvido da ideia que há pouco ainda lhe custara tanto suor tinto com tanto sangue, porque é renegar da bandeira da sua fé, porque é uma nação apóstata da religião das nações - a liberdade!

in “Prosas da Época de Coimbra”